Terror Relançada no país, a famosa novela "A Volta do Parafuso" assusta pelo poder de sugestão da narrativa de Henry James

Silêncios e possibilidades

GISELE ARANTES
garantes@redegazeta.com.br

DIVULGAÇÃO



■■ Uma história de terror ou um suspense psicológico? Diante de "A Volta do Parafuso", do escritor Henry James, não existe uma resposta fácil. Desde sua publicação em forma de folhetim, em 1898, o conto recebeu grande repercussão justamente pela ambigüidade da trama. O relançamento da obra no país, em uma versão de bolso da editora gaúcha L&PM, é uma oportunidade para que os leitores do país conheçam uma das mais respeitadas novelas da literatura mundial, mas ainda pouco conhecida no Brasil.

Os debates acalorados em torno de "A Volta do Parafuso" se devem à maestria com que Henry James descreve uma história que poderia se tornar banal nas mãos de um outro escritor: uma governanta muda-se para um velho casarão nos arredores de Londres, onde ocupa o posto de preceptora dos irmãos Miles e Flora. Em pouco tempo, a jovem percebe que as encantadoras crianças são alvo das investidas de espíritos, dois ex-funcionários da casa.

No entanto, analisar tais espíritos puramente como uma influência sombria e maléfica, isolados da subjetividade das crianças e, principalmente, da preceptora, seria um ponto de vista simplista. Sozinhos, os fantasmas não têm força na narrativa de James. Ao contrário dos contos e filmes de terror apelativos, em que o medo se constrói por meio de objetos voadores, barulhos perturbadores e corpos mutilados, em "A Volta do Parafuso" tudo é silêncio e possibilidade.

DÚVIDAS

É por baixo da superfície que se esconde o verdadeiro horror. A primeira pedra no caminho do leitor é desvendar se as aparições são mesmo reais ou se não passam de invenções da mente sonhadora – ou doentia – de uma jovem inexperiente, filha de um pastor de uma comunidade rural, às voltas com ingênuos ideais românticos por se ver, de repente, em um cenário de sonho, uma mansão à beira de um lago. Oscar Wilde, autor da obra-prima "O Retrato de Dorian Gray", afirmou que se trata de "uma pequena história maravilhosa, sinistra e peçonhenta."

O primeiro indício de que tudo pode não passar de um delírio ou uma jogada calculada – da protagonista ou do próprio James? – é o formato do livro: uma narrativa dentro de outra narrativa. Nesse ponto, a novela se assemelha ao conto "O Espelho", de Machado de Assis. Ambos retratam um ambiente afastado dos centros urbanos, em uma atmosfera ao mesmo tempo introspectiva e eletrizante, e são marcados por essa narrativa dentro da narrativa.

As angústias da preceptora, cujo nome não é revelado em momento algum, são lidas por um jovem em uma reunião de amigos em um velho casarão, em volta da lareira, depois que ele promete contar uma história "de uma feiúra ferrenha", mais horripilante do que a relatada pelos convidados.

O desejo de superar os aspectos macabros do conto anterior – que também envolvia crianças e fantasmas – pode ser uma pista de que quem relata a trama do livro carrega nas tintas de propósito, um artifício brilhante de Henry James. O próprio autor mente sobre a veracidade da história, e não seus personagens?

A partir daí, as dúvidas aumentam: a sobrecarga de responsabilidade da governanta resulta em um colapso nervoso, ela sofre de algum distúrbio psicológico ou as aparições são reais? A princípio, ninguém mais parece compartilhar de suas visões. "A senhora Grose não vira nada, sequer a sombra de uma sombra, e as agruras da governanta não eram compartilhadas por mais ninguém na casa; ainda assim, a senhora Grose aceitou o que eu lhe disse como sendo a verdade, sem pôr a minha sanidade em xeque", diz um trecho da narrativa.

ARTIFÍCIOS

Até mesmo uma carta recebida por ela do colégio em que Miles estudava, em que se explicam os motivos pelos quais ele foi expulso da escola sem possibilidade de volta, não é vista por mais ninguém, já que a senhora Grose, única funcionária da casa com quem ela mantém relações de amizade, não sabe ler.

A narrativa em camadas de James envolve o leitor em uma trama de incertezas tamanhas que, à medida que a leitura avança, os personagens parecem estar cada vez mais se encobrindo em véus e dissimulações do que descortinando suas reais intenções. Diante de um novo fato, em vez de uma revelação, mais o leitor patina em uma trama misteriosa e desconfortável.

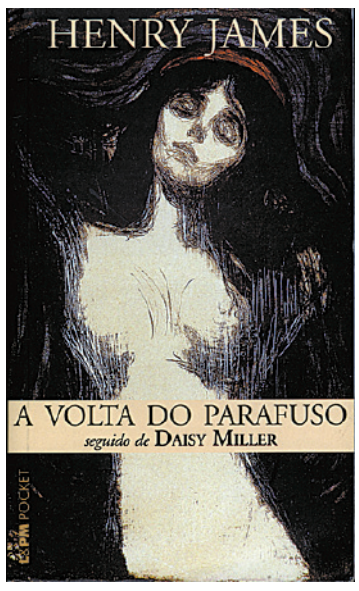
Entre as dubiedades que atravessam a trama, uma das que mais insuflam debates é de que a novela seria uma alegoria sobre repressão sexual. A questão deu origem a um sem-número de ensaios, como "A Ambigüidade de Henry James", de Edmund Wilson (1938); e "Metaphors, Cognition and Behavior: The Reality of Sexual Puns in the Turn of The Screw", de Sami Ludwig, bastante utilizado para a tradução de Guilherme da Silva Braga para a L&PM.

Os críticos examinam, especialmente, as passagens em que o fantasma de Peter Quint aparece – ele, que mantinha um romance com a antiga preceptora e outra aparição a assombrar a casa, Miss Jessel, é sempre comparado a um animal. Ao mesmo tempo, Quint é visto como um homem atraente, com "um jeito de ator". Outras sugestões muito fortes são aos desejos que ela nutre pelo *gentleman* que a contratou e pelo menino de cuja educação cuida. Por mais doentio que essa relação pareça, a todo momento ela se relaciona com o menino como se fosse um pequeno sedutor.

O livro serviu de base a uma meia dúzia de versões para o cinema. A mais famosa delas, "Os Inocentes" (1961), é dirigida por Jack Clayton. O escritor Truman Capote, um dos roteiristas, deu um final bem menos ambíguo, com a preceptora beijando a boca do menino, que morre em seus braços. Mas é válido destacar que se trata de uma liberdade exagerada de Capote, uma vez que as incertezas marcam até mesmo o desfecho da trama.

A edição da L&PM traz também o pequeno conto "Daisy Miller", publicado em 1878 e o primeiro trabalho com que Henry James – norte-americano naturalizado britânico – obteve sucesso na Inglaterra. Com a obra, um relato psicológico de uma *outsider* e um dos seus grandes retratos da mulher americana, o escritor tornou-se um dos precursores do gênero novela, por utilizar recursos como o *flashback* e a narração indireta.

Leia sem parar



HENRY JAMES
A Volta do Parafuso e Daisy Miller

TRADUÇÕES: GUILHERME DA SILVA BRAGA ("A VOLTA DO PARAFUSO") E HENRIQUE GUERRA ("DAYSE MILLER")
L&PM 224 PÁGINAS
QUANTO: R$ 12, EM MÉDIA

LEIA NA WEB
www.agazeta.com.br